



Samba volta às origens

Relegado a segundo plano por causa de gêneros musicais mais vendáveis, o ritmo tem novos adeptos. E se renova

EDUARDO BRANDÃO

DA REDAÇÃO

Samba / Tudo que pesa no meu coração / (...) Samba / Me traz / Como ao Carnaval / Essa alegria cor de rosa / Por um dia uma alegria / Que eu nem possa acreditar / (Tudo o que Pesa, de Romulo Fróes).

Se fosse teorema, poderia ser escrito assim: 4/2. Uma célula rítmica formada a cada dois tempos. Mas o samba não é Matemática. Está longe de ser frio como números, cálculos ou equações lógicas. É lógico, paixão, alegria, amor, lamento e sentimentos ao extremo: aquilo que se sente na pele invade a alma e se traduz em beleza.

Por mais que tenha se transformado com o tempo e perdido qualidade, na opinião dos mais tradicionalistas, o samba velho de guerra não sai de cena. Já dizia Nelson Sargento: agoniza, mas não morre. "O samba é um guerreiro. Ritmo de resistência", diz o compositor santista Luiz Cláudio de Santos. "E ainda vem muita gente nova e boa para continuar a levada. Se o ritmo não morreu até agora, não morrerá nunca".

Enquanto gênios da nossa música popular são redescobertos pelas novas gerações (graças à internet), novos músicos se arriscam a trilhar o saboroso caminho do samba tradicional. Revolução que, no passado, não tinha os encantos e carícias midiáticas. "Quando comecei a tocar, há duas décadas, era discriminado", resume Luizinho, músico e filho do sambista santista Luiz Américo.

Patrimônio

Trazido pelos escravizados povos africanos, o ritmo musical pode ser traduzido como símbolo de identidade nacional. Das rodas do Recôncavo Baiano e dos morros cariocas, no começo do século passado, ao reconhecimento planetário. Desde 2005, o gênero foi enquadrado como patrimônio imaterial da humanidade, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). "O samba pode ser considerado como fator de unidade da pátria, pois agrega pessoas de todos os credos e etnias", explica o escritor e pesquisador santista José Muniz Júnior.

Dois de dezembro

Ao retratar a Bahia sem ao menos ter visitado uma cidade baiana, na letra Na Baixa do Sapateiro, Ary Barroso talvez não imaginasse os desdobramentos disso. Era 2 de dezembro quando o compositor pisou em Salvador pela primeira vez. Como homenagem, o vereador baiano Luís Monteiro da Costa aprovou uma lei que declarava aquela data Dia Nacional do Samba. A partir desse fato, a data tornou-se uma época para se comemorar a riqueza do samba, um dos principais patrimônios culturais brasileiros.

Sem interesse da indústria musical (na época, de olho no crescente mercado do sertanejo e do pagode), o jeito foi se arriscar naquilo que era mais vendável, mesmo se "magoasse" os mais tradicionalistas.

Apesar de as leis do mercado terem deturpado o samba puro, as raízes falam mais alto, e as rodas de samba têm público fiel. "Meu pai sempre me dizia para manter e elevar a qualidade. Mesmo que não dê retorno financeiro, há o reconhecimento pelo trabalho bem feito", diz Luizinho.

Tal talento faz os músicos santistas reconhecidos nos

grandes centros musicais (Rio de Janeiro e São Paulo). Tanto que compositores locais são disputados para sambas-entres de escolas cariocas e paulistanas. "O samba de Santos está à frente do que é feito em muitos lugares do Brasil. Aqui é um lugar onde o samba ainda é muito forte".

LEVAR A SÉRIO

Pensar no samba é projetar o Reinado de Momo para após a quarta-feira de Cinzas. Desassociação o ritmo musical do Carnaval é quase impossível, opina José Muniz Júnior, jornalista, historiador e pesqui-



"Mesmo que não dê retorno financeiro, há o reconhecimento pelo trabalho bem feito", afirma Luizinho

ba sofreu nas últimas décadas. "A própria MPB anda meio misturada, com tendências a uma música estrangeira". Para ele, a essência do samba deve ser respeitada, como se fosse uma religião. "O sambista moderno não quer aprender os rituais. Samba é algo que sempre levei a sério".

A queixa do historiador também recai na música brasileira, cuja qualidade se perdeu ao longo das décadas. E o samba perdeu o interesse de gravadoras, que, nas décadas de 1980 e 1990, apostaram em fórmulas fáceis de venda imediata. Variações mais rentáveis de rock,

samba e sertanejo eram depositadas nas prateleiras e nas rádios FM. Assim, o samba sobreviveu em guetos.

Nos últimos anos, novos grupos tentam manter vivas as tradições. "O samba sempre se renova", afirma o secretário municipal de Cultura, Carlos Pinto, um dos responsáveis pelo retorno do Carnaval santista. Assim, o samba de raiz, tipicamente brasileiro, deverá coexistir com as suas variações. Entretanto, o tradicionalismo ganha novos adeptos a cada ano. "Público também se renova", pondera Muniz.

Não só um ritmo: é o povo brasileiro

■ Analisada e vendida por períodos ou movimentos, a música brasileira sempre esteve no limiar de uma mistura entre o tradicionalismo e aquilo que emissoras de rádio exigiam. Com o samba não foi diferente. E a Radio Nacional do Rio de Janeiro pode ser considerada a mola propulsora do ritmo nascido nos morros cariocas (ou nos terreiros de Salvador, na Bahia; estúdios divergem quanto à origem do estilo musical).

As raízes do samba, no entanto, têm relações com a história da formação nacional, como explica o sociólogo Cláudio José dos Santos. As tradições vindas com os povos africanos, que culminaram no nascimento do gênero, foram frutos dos desdobramentos do capitalismo no solo nacional. "Estava relacionado (o samba) com a *cotidianização* do tempo livre, com a criação do fim de semana", cita. Antes, os raros momentos de lazer eram nas festas coletivas, instituídas pelo calendário cristão (Carnaval e festas juninas, por exemplo).

Vindas dos morros e dos terreiros das religiões de matrizes africanas, o gênero sofria preconceito das classes economicamente dominantes. Essa situação começou a mudar com as transmissões radiofônicas, em especial da Radio Nacional do Rio de Janeiro – que nas décadas de 1940/50 era uma espé-

Na faixa



Nascida e mantida na comunidade e com sua história construída por seus integrantes, a Roda de Samba do Ouro Verde é considerada a mais legítima representante do gênero na Baixada Santista. Neste ano, a cultura popular foi resgatada em um documentário. Em homenagem ao Dia do Samba, o filme está disponível, somente hoje, no site dos produtores (www.dosedeinpiracao.com.br).

cie de Rede Globo da época. Foi quando surgiram os primeiros poetas populares: Noel Rosa, Cartola, Nelson Cavaquinho, Jacob do Bandolim são alguns personagens.

Até que uma canção com pou-

co mais de dois minutos e susur-

Nome

Há diversas versões sobre o termo samba. Alas de pesquisadores defendem ser mais uma influência da língua árabe na portuguesa. Originária de zambra (dança com fundamentos do flamenco, ciganas e arábicas), a palavra foi incluída no nosso vocabulário após a invasão moura à Península Ibérica, no século 8. Outras linhas citam ser originária de muitas línguas africanas: do quimbundo, em que sam significa dar, e ba é receber, ou de semba – vinda de Angola e do Congo – que significa umbigada.

ros. "Até hoje (a bossa nova) é o estereótipo que estrangeiros têm do Brasil", diz Santos.

Para Gil Nuno Vaz, compositor e coordenador do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Católica de Santos (Unisantos), o samba é a "canção-síntese" da nacionalidade brasileira, "pela junção da melódica dos europeus com a rítmica e o gestual dançante dos africanos, além dos ecos orientais e ameríndios que a ele foram incorporados, representando assim o amálgama de raças e etnias que caracterizam o Brasil".



Nas raízes do samba, a história da formação da identidade nacional